

Um olhar filosófico sobre a questão do descarte

Lis Helena Aschermann KEUCHEGERIAN¹

∞

RESUMO

A relação de mera utilidade para com as coisas e com o próprio mundo é uma das preocupações da filosofia de Heidegger. A esse respeito, trazemos alguns conceitos desenvolvidos pelo filósofo a fim de propor uma reflexão sobre a ação do descarte e suas repercussões no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Descarte. Heidegger. Hans Jonas; Mundo contemporâneo. Ética.

Ao ler a obra *Amor líquido* de Zygmunt Bauman (2004), que retrata alguns aspectos do desapego nas relações dos tempos de hoje, somos remetidos, por uma citação do autor, à cidade de Leônia, uma das “cidades invisíveis” da obra de Ítalo Calvino. A cidade de Leônia retrata habitantes que estão sempre a desfrutar o novo, descartando as coisas antigas a cada dia, em uma relação de mera utilidade com todas as coisas que fazem parte de seu mundo:

A cidade de Leônia refaz a si própria todos os dias: a população acorda todas as manhãs em lençóis frescos, lava-se com sabonetes recém-tirados da embalagem, veste roupões novíssimos, escutando as últimas lenga-lengas do último modelo de rádio. (...) Tanto que se pergunta se a verdadeira paixão de Leônia é de fato, como dizem, o prazer das coisas novas e diferentes, e não o ato de expelir, de afastar de si (...) O certo é que os lixeiros são acolhidos como anjos e a sua tarefa de remover os restos da existência do dia anterior é circundada de um respeito silencioso, como um rito que inspira devoção, ou talvez apenas porque, uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar nelas (CALVINO, 1990, p. 105).

A “liquidez” estampada nesta “cidade invisível” faz uma alusão à rapidez do mundo contemporâneo e recorda a questão da *demora* e da *proximidade* em Heidegger. Os habitantes da cidade de Leônia, ávidos por novidades, na fuga de qualquer demora ou proximidade com tudo o que os

¹ Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: liskeuch@hotmail.com

rodeia, aparecem como um bom exemplo do que é estar submerso no fenômeno da curiosidade, exposto em *Ser e tempo* por Heidegger (2008, p. 236):

A curiosidade liberada, porém, ocupa-se em ver, não para compreender o que vê, ou seja, para chegar a ele num ser, mas *apenas* para ver. Ela busca apenas o novo a fim de, por ele renovada, correr para uma outra novidade. (HEIDEGGER, 2008, p.236)

Além das questões ambientais, amplamente discutidas entre biólogos, ecologistas e industriais, o lixo também nos serve como metáfora para muitas emoções e conexões humanas. Ao citarmos a “*Cidade de Leônia*” – que retrata alguns aspectos do desapego e do acúmulo de lixo presentes nas relações dos tempos de hoje, somos remetidos a uma reflexão sobre a necessidade humana do descarte e do esquecimento. A relação de mera utilidade com todas as coisas que fazem parte de seu mundo também pode ser pensada a partir desse prisma. De acordo com Heidegger esse mundo contemporâneo, denominado como “*mundo da técnica*”, o qual parece querer dar conta de tudo que o cerca, busca tornar as coisas e a própria natureza útil e manipulável.

A contextualização da questão colocada por Heidegger sobre o habitar abre uma grande discussão que envolve a relação do homem com o mundo que o cerca. O mesmo jogo de velar e desvelar apresentado em seu conceito de verdade está presente nas críticas que Heidegger registra acerca da contemporaneidade. O mundo da técnica mantém o ser ainda mais velado, porém não modifica a relação entre cobrir e desencobrir que sempre constituiu o pensamento e a vivência do homem.

Para iniciar a discussão é preciso demonstrar o olhar que Heidegger já lançava ao que aparece como um dos temas mais discutidos em diversas áreas do conhecimento na época presente: as novas tecnologias e suas diversas influências. No início da sua conferência “*A coisa*”, de 1950, o autor fala das tecnologias e de seus rápidos avanços. Nesse contexto ele nos traz como exemplo a narração do cinema através da imagem, que passou a reiterar e recriar as ideias de tempo e de espaço e a relação entre elas:

Os processos de germinação e desenvolvimento de tudo, que nascia e crescia na vegetação, se mantinham escondidos durante as estações do ano, hoje o filme os leva a público num minuto. Os lugares afastados das culturas mais antigas, os filmes nô-los mostram como se estivessem no trânsito das ruas e avenidas (HEIDEGGER, 2006, p. 143).

No trecho o que vem à tona não se limita à simples perplexidade do pensador alemão diante da mudança que essa nova tecnologia traria na relação entre o homem e as noções de espaço e tempo. A germinação era algo que nunca antes havia sido visto, pois os movimentos do germinar sempre foram invisíveis aos olhos do homem, justamente por sua morosidade. O germinar representava um dos mistérios da natureza e mantinha-se encoberto no seu movimento lento e imperceptível ao olhar.

Assim como o germinar, as novas tecnologias também aparecem de repente. Há uma impressão de que naquela época, quando irrompem as primeiras peças que viriam compor esse infindável quebra-cabeça da Era da informação, o surgir de cada nova invenção era ainda inesperado. Nesse sentido, o olhar de Heidegger alcança para além do deslumbramento que esses primeiros relances das novas tecnologias causavam. Percebia também as mudanças que o desenvolvimento da técnica traria, ainda que não seja possível afirmar, por seus textos, que o filósofo antevia a dimensão que esses avanços tomariam. Após a definição heideggeriana “mundo da técnica”, os avanços tecnológicos se estenderam a uma realidade virtual: redes sociais; *google glass*, *web arte*, entre outros.

Ao dizer que Heidegger é um filósofo contemporâneo, não há uma referência apenas ao sentido temporal, ou por levantar questões tão atuais como a que foi há pouco apresentada, mas sim ao modo como Agambem (2009), em seu artigo “*O que é o contemporâneo*”, define o pensador contemporâneo: aquele que não coincide plenamente com a sua época e que visualiza para além do seu tempo, reconhecendo, inclusive, as faltas de seu tempo. Essa ideia de contemporâneo trazida por Agambem é predeterminada por uma sensação de deslocamento, já que significa não estar inserido, mas um olhar de fora estando dentro.

Quanto às faltas mencionadas, imediatamente nos remetemos à questão da técnica, para a qual Heidegger aponta uma tensão no que diz respeito à tarefa do pensar, da arte e do filosofar, acrescentando ainda a dificuldade do habitar poético neste mundo de constantes novas irrupções que se assemelha à cidade de Leônia. Neste caso o filósofo apresenta o habitar poético como uma carência. Percebemos, portanto, uma relação entre o desenvolvimento das novas tecnologias e o esquecimento do sentido próprio do habitar. Como apontou Merleau-Ponty (2004, p.13) em outro contexto, “a ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las”. Heidegger (2006, p. 173), nesse sentido, questiona:

E nós habitamos poeticamente? Parece que habitamos sem a menor poesia. Se é assim, será mentirosa e não verdadeira a palavra do poeta? Não. A verdade de suas palavras se confirma da maneira mais inacreditável. Pois um habitar só pode ser sem poesia porque, em sua essência, o habitar é poético.

Ainda no texto “*A coisa*”, Heidegger fala sobre dois termos que estão intrinsecamente ligados ao habitar: proximidade e distância. Eles remetem muito além de uma localização espacial, levam a um caráter existencial do *Dasein* o qual é amplamente discutido em sua obra “*Ser e Tempo*”, especialmente ao tratar daquilo que o filósofo vai chamar de ocupação.

No § 12 de “*Ser e tempo*”, ao falar sobre o *ser-em (In-sein)*, Heidegger demonstra que a ideia de “*ser-em-um-mundo*” pode, erroneamente, nos transmitir a sensação de dentro de (*Sein in...*). Mas ele mostra que o *ser-em* é um existencial e não pode ser compreendido como uma coisa corpórea inserida em determinado ambiente. Para elucidar essa diferença, ele nos traz alguns termos e características da língua alemã e suas significações: *innan* (morar, habitar, deter) e *an* (habitado, familiarizado e cultivo). Seguindo a analogia, uma outra expressão é concebida: “junto a”, ou ainda “ser junto a”². Nesse contexto, o *Dasein*, é um ente que “habita”, “mora” e que está “familiarizado” com o mundo, mantendo-se junto ao que lhe é familiar. Ainda no mesmo parágrafo, Heidegger introduz a questão do mundo e fala de um espaço que apenas o *Dasein*, sendo existencial, pode experienciar. Nesse momento, ele nos dá o exemplo da cadeira que assim como outros “entes à mão” são em si mesmos destituídos de mundo. O *ser-em* pode ser exemplificado em sua multiplicidade através das ações do *Dasein*: fazer com, aplicar-se, produzir, perder, interrogar, pesquisar. Essas ações do *ser-em*, explicitadas nesse parágrafo, nos remetem indiretamente ao termo espaçar (*räumen*), usado posteriormente por Heidegger, que apresenta o movimento constante nas relações homem- espaço e homem-mundo. Ainda que a questão da produção do lixo não tenha sido diretamente explanada por Heidegger, a relação de mera utilidade momentânea com as coisas aparece como uma de suas preocupações efetivas, o que nos permite trazer conceitos por ele elaborados para essa discussão acerca da ação do descarte e suas repercussões.

² Há uma outra obra em que a noção de cultivar vem à tona: a conferência *Construir, Habitar, Pensar*, da década de 50, que traz uma discussão acerca do habitar. Neste texto, ao falar sobre o construir (*bauen*), Heidegger apresenta uma bifurcação do termo, que se abre em duas possibilidades: o produzir e o cultivar.

No § 13 de *Ser e tempo*, Heidegger fala de dois aspectos de suma importância para a compreensão do mundo: a *demora (Aufenthalt)* e sobre o modo como o *ser-no-mundo (in der Welt sein)* é tomado pelo mundo, a *ocupação*. Ao pensarmos na *demora (Aufenthalt)*, que não necessariamente se dará a partir da ocupação, também somos remetidos a refletir acerca do *estar junto-a (Sein-bei)*³ do *Dasein*. Nesse mesmo parágrafo, Heidegger fala sobre o tornar possível um conhecimento sem reduzi-lo à utilização e ao manuseio, qualidades da ocupação. A ocupação pode se dar através da circunvisão, em uma lida prática, ou, abstendo-se do produzir e do manusear, a partir da descoberta teórica. Nesse último caso permanecendo e demorando-se junto das coisas.

Há um desenraizamento do homem em relação ao mundo que se dá pela medianidade – uma lida determinada a partir de uma “facilitação” e “padronização” nas relações que o homem estabelece. Essa medianidade ocorre através de uma superficialidade e ausência de reflexão. Se nos voltarmos a *Ser e Tempo* e à analogia da curiosidade com a “cidade de Leônia”, de Italo Calvino (2014), em “*As cidades invisíveis*”, retomando esse confronto, podemos ver mais uma consequência dessa busca pelo novo, a impermanência e efemeridade que levam, na verdade, a um desenraizamento e a uma ausência de identidade. O novo aí associa-se como já dissemos e é apontado por Calvino, como índice de uma superfluidade ligada a novidade vazia do consumo. “A cidade de Leônia se refaz a si própria todos os dias(...) uma vez que as coisas são jogadas fora, ninguém mais quer pensar nelas” (CALVINO. 2014, p.105). Diante da mediocridade e da ausência de reflexão, quanto mais se submerge no mediano, mais desenraizado o homem está, tornando-se estrangeiro em relação a si mesmo. Esse desenraizamento, ainda nos atendo ao pensamento de Heidegger, pode ser pensado por duas vias, a saber: 1- no âmbito cultural, da construção da história de um povo; 2- na interferência que a técnica traz ao pensamento de sentido, distanciando o homem do que lhe é mais próprio e da possibilidade de estar em uma proximidade efetiva das coisas e dos outros; de demorar-se e de estar na possibilidade da escuta. No entanto, o vigor da medianidade é sempre quebrado, fato que dá o tônus do habitar, segundo a concepção do filósofo. No texto de Calvino (2014, p. 106) também vemos essa mesma impossibilidade da ininterrupta continuidade do fenômeno de desenraizamento:

(...) resistindo ao tempo, às intempéries, à fermentação e à combustão.
É uma fortaleza de rebotalhos indestrutíveis que circunda Leônia,

³ Na tradução de Fausto Castilho temos “*ser junto*”. No parágrafo 38 o termo “*ser junto*” está ligado ao modo impróprio; ou seja, significa estar “totalmente absorvido pelo mundo” no impessoal, conforme designa o filósofo. Neste parágrafo ele aponta a possibilidade de estar junto ao mundo e das ocupações.

domina-a de todos os lados como uma cadeia de montanhas. O resultado é o seguinte: quanto mais Leônia expele, mais coisas acumula; as escamas do seu passado se solidificam numa couraça impossível de se tirar.

Há algo de perturbador nesse trecho, é impossível passar por ele sem inquietar-se com a revelação do autor sobre a verdadeira necessidade da constante renovação: o esquecimento. O descarte é o símbolo do esquecimento, da possibilidade de esquecer, e por isso os lixeiros são recebidos como anjos. Não obstante, essa é uma outra questão que sempre acompanhou o homem. Nos dias de hoje a tecnologia é a um só tempo objeto de distração, que nos leva a um esquecimento, a uma segunda vida, as infinitas possibilidades; como um grande arquivo de memória e registros, qualquer informação ou registro pode ser acessado em segundos. Essa questão ganhou notoriedade no âmbito jurídico, eis que surge a lei do esquecimento, o direito que uma pessoa possui de não permitir que um fato, ainda que verídico, ocorrido em determinado momento de sua vida, seja exposto ao público em geral, causando-lhe sofrimento ou transtornos.

A questão acerca do descarte e acúmulo lixo também ganhou um espaço nos cinemas, podemos citar aqui dois longas produzidos no Brasil: “*Estamira*” (2004) de Marcos Prado e “*Lixo extraordinário*” um documentário anglo-brasileiro sobre a produção artística de Vick Muniz no aterro do jardim Gramacho, produzido entre 2007 e 2009. Esses projetos mostram que não se trata apenas de uma transformação do lixo, mas da própria realidade e perspectiva existencial dos catadores. Em entrevista, no documentário supracitado, o catador Tião Santos se compara aquele lixo reciclado que, de algo sem valor algum, se torna obra de arte. Ele diz que participou de um curso que falava sobre Rousseau, sobre a constituição e que pela primeira vez se enxerga como um cidadão, se vê portador de direito, valorado tanto em sua função de catador, quanto em relação ao ser humano que é. O que se apresenta é uma restituição do sentido de mundo, assim como uma possibilidade de identidade através desse novo desvelar que se dá na relação com o lixo. Fazendo, desse modo, surgir um novo espaço, não apenas de ação, como também de reflexão acerca do tema.

A CULTURA DO DESENVOLVIMENTO ILIMITADO

Essa necessidade de produção a partir do descartado advém da percepção de que os seres humanos apesar de oriundos de diversas culturas, possuem uma em comum, a cultura do desenvolvimento ilimitado. Vivemos uma crise de caráter econômico, social, ético, ambiental, educacional, que atinge todo o nosso planeta. Nos últimos anos sofremos os impactos sociais e ecológicos da chamada globalização, a qual envolve as mais diversas esferas de vida. Vivemos no neoliberalismo que, ao que parece, é o contrário do progresso, tendo em vista suas consequências desastrosas, como a desigualdade social e a veloz destruição do meio ambiente. As sensibilizações humanas para as questões da natureza e da sustentabilidade, nasceram na medida em que se tornaram evidentes os efeitos da deterioração do meio ambiente e da própria vida urbana em consequência da poluição e do desgaste dos recursos naturais. Há ainda, nessa concepção do desenvolvimento ilimitado essa projeção ao consumo. Vivemos em uma ditadura do consumo, sem que haja a figura de um ditador visto que ele se apresenta pelo próprio sistema, no qual somos, a cada vez, passivos e ativos, nessa dinâmica que se transfigura no impessoal. Devemos admitir, nesse sentido, que a tríplice vertente da chamada “Ecosofia” de Guattari merece uma especial atenção. As três ecologias, segundo o pensador, são: a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana. Perdemos a ótica sistêmica do problema quando mantemos o foco nos danos industriais, relevantes, é claro, mas parte de algo muito mais complexo. Nas palavras de Guattari:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais” (GUATTARI. 2009, p. 9)

Podemos nos perguntar se há um erro do homem em distinguir-se da natureza e colocar-se em primazia, em não sentir-se parte. Até mesmo a própria noção de indivíduo nos retira, paulatinamente, de tudo o que somos parte. Uma nova articulação entre ética e política se faz emergente. Na proposta de Hans Jonas, passamos a responsabilidade para além de nós, abarcando os seres futuros, aqueles que nos sucederão. Merecem eles também um espaço ambiental preservado?

Diante do exposto nossa pergunta se lança para uma outra: o que nos oferece tamanho risco? Qual foi a grande virada que nos levou à iminência da destruição dos recursos imprescindíveis à vida?

Quando pensamos em ética ambiental, um dos primeiros nomes que nos vem à mente é o de Hans Jonas. Com uma herança fenomenológica existencialista o autor nos leva a refletir acerca das consequências de nossas ações, e nos insere a questão do tempo. O que deixaremos às gerações futuras? Quais recursos? E quais possibilidades, haverá chances de existência no planeta para as próximas gerações?

Já demasiado afastado de seu primeiro mentor, Martin Heidegger, em um distanciamento conceitual e continental, após o advento da Alemanha Nazista, Jonas ganha destaque, em uma contribuição homônima, a publicação de sua obra: *“The Phenomenon of Life: Toward a Philosophical Biology”*. Nesta ocasião, o autor manifesta sua preocupação por uma Filosofia da Biologia, dando um realce ao valor da vida, salientando o grande erro que é situar o homem acima de outras esferas de vida. Essa ideia nos leva a uma concepção repartida, onde homem e natureza encontram-se em uma cisão. O autor Brasileiro, de descendência dos povos indígenas, Ailton Krenak, faz essa mesma crítica em sua obra *“Ideias para adiar o fim do mundo”*, nas palavras do autor:

Quando por vezes me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser natureza, como se a gente não fosse natureza. (KRENAK, A. 2019, p.67)

Nessa mesma obra, Krenak (2019, p.68) ainda nos deixa uma importante questão, que também dialoga com o pensamento de Jonas, “Qual é o mundo que vocês agora estão empacotando para deixar às gerações futuras?”

No entanto, é no ano de 1979, com a publicação de sua obra mais conhecida, *“O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”*, que essas preocupações com as civilizações futuras fortalecem a contribuição à ética de Hans Jonas (2015). Nesse contexto ele busca a base para sua “ética da responsabilidade” (JONAS, 2015, p. 165) ao retomar a questão da dignidade, direcionando-a também para a natureza. A reflexão do filósofo alemão tem como motor inicial o choque causado pelas bombas nucleares no final da II Guerra Mundial, desencadeando desta forma, a ideia de abuso do domínio do homem sobre a natureza. A explosão da bomba de Hiroshima inaugurou o que Hans Jonas (2015) chamou “o Princípio

Responsabilidade” que advém de uma reflexão nova e angustiada. As duas Guerras Mundiais contribuíram para que as pessoas se sentissem em um futuro incerto, viveu-se uma grande desilusão e, de certa forma ainda a vivemos, diante dessas novas guerras. Explícitos ou não, existem conflitos que movimentam pelo mundo uma série de refugiados, como assistimos nos tempos de hoje. O homem, ainda que por esquecimento, não se preocupou em preservar a dignidade humana, como também não o fez com a dignidade da natureza, o meio ambiente e seus recursos naturais. No caso do acúmulo de lixo descartado, que leva longo prazo para deteriorar-se, temos uma das muitas preocupações no que concerne à sustentabilidade. Se hoje medidas drásticas não forem tomadas, viveremos em cidades similares a Leônia, as quais já não poderão esconder seus descartes que formarão suas indesejáveis e tóxicas cadeias montanhosas aos arredores das moradas dos homens.

A philosophical look at the issue of discarding

∞

ABSTRACT

The relation of mere utility toward things and the world itself is one of the concerns of Heidegger's philosophy. In this regard, we bring at the moment some concepts developed by the philosopher, in order to propose a reflection on the action of the discard and its repercussions in the contemporary world.

KEYS-WORDS: Discard. Heidegger. Hans Jonas. Contemporary world. Ethic.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.

CALVINO, Italo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes. Bragança paulista: Ed Universidade São Francisco, 2006.

_____. **Ser e Tempo**. Petrópolis: vozes; Bragança paulista: Editora Universidade São Francisco, 2008.

JONAS, Hans. **Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**, *Rio de Janeiro*: Editora PUC-Rio, contraponto, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019